

O VAQUEIRO DO NORDESTE

NA paisagem inconfundível do sertão nordestino, domínio da caatinga ressequida e espinhenta, vive um tipo humano cujas características somáticas e psicológicas são um espelho fiel do meio em que habita. Pequeno no porte, magro e sóbrio de músculos; taciturno e desajeitado em descanso, intrépido e vibrátil quando solicitado para a ação. É o sertanejo do Nordeste, magistralmente descrito, estudado e interpretado pelo gênio imortal de Euclides da Cunha.

Na gravura vemos-lo desempenhando a sua atividade principal — a de vaqueiro. Povoa a "tapui-retama" — a vasta região das chapadas e dos taboleiros do nordeste brasileiro, terra atormentada ora pelas secas causticantes, ora pelas chuvas torrenciais; onde ventos turbilhonantes sucedem a longos meses de pesadas calmarias. Montanhas graníticas reverberando ao sol, rútilos lampejos a ofuscar a vista. Flora castigada pelas intempéries e pelo solo arenoso, ressequido. Cactáceas, bromeliáceas, velozias, apocináceas, tóda a gama da angustiante vegetação xerófila. Porco do mato, caitetú, ema, tapir e sussuarana, eis algumas espécies de sua fauna bravia. Seres esquivos, brutais, traíçoeiros como a própria terra que lhes serve de berço. Natureza extremada, que não conhece economia, passando do paraíso deslumbrante e fugaz que é a época do "verde" (das chuvas) para o inferno quase permanente da "magrém" (época da seca).

E é neste cenário de desperdícios que nasce, se agita e morre o vaqueiro nordestino — o mais forte, o mais bravo dos filhos do sertão —, por cuja fortaleza física e moral bem merece se lhe eduque a terra, afim de que êle se possa integrar no concôrto da civilização brasileira.

O seu tipo étnico provém do contacto do branco colonizador com o gentio, durante a penetração do gado nos sertões do Nordeste. A predominância de sangue indio acentuava-lhe o espírito aventureiro e o sentimento de liberdade de ação, pelo que não se adaptou ao sedentário e disciplinado labor agrícola. Manifestou-se, no entanto, elemento utilíssimo na ação dinâmica do pastoreio, como peão nas "fazendas de criar" do século XVII, quando começou nos sertões brasileiros o grande ciclo econômico da criação do gado.

De simples peão passa a vaqueiro — título e cargo dos quais tanto se orgulha, por lhe conferir honrosa posição de destaque na pequena sociedade rural sertaneja. Quando lhe cabe administrar a fazenda do patrão cidadão, tem direito à posse de parte do rebanho sob sua guarda, sendo proverbial a honestidade do vaqueiro na administração dos bens alheios.

É a existência desta figura estóica de vivente uma intensa e perene luta. Muitas vezes, na faina profissional, montado em seu cavalo pequeno, magro e resistente, como êle próprio, fica-se horas a fio imóvel, desajeitado e recurvo sobre a alimária, olhando a paisagem cinzenta e monótona, enquanto a gadaria pasta molemente a vegetação ressequida dos "gerais". Doutra feita, tóda a sua imobilidade se transmite em atividade, energia, ação. É quando, reconduzindo o gado à fazenda, acontece, espantada pelo encontro imprevisito com uma seriema assustadica ou um caitetú que descuidado sorria as gotas últimas de uma "ipueira", tresmalhar-se-lhe uma rês. Retesa-se rápido o deselegante cavaleiro e dispara caatinga a dentro, numa correria desenfreada, retilínea, tudo levando de vencida; tal como as investidas brutais do tapir ou a debandada, às ceegas, das emas fugazes. Deitado rente ao dorso da cavalgadura e protegido, da cabeça aos pés, pela sua roupagem de couro, lá se vai o bravo vaqueiro, quebrando e estalando a seca e contorcida galharia, na perseguição tenaz do animal desgarrado. E só cessa esta insensata, mas corajosa disparada, ao trazer de novo a rês à sua tropa.

Afim de — nas arremetidas caatinga a dentro no encaço da rês fugitiva, ou, varando-a frequentemente em viagem —, proteger-se dos espinhos acerados dos arbustos, dos cardos e das demais pontas agressivas da vegetação inextricável, usa o vaqueiro uma verdadeira armadura de couro. Descrevamo-la com as palavras do próprio Euclides:

« As vestes são uma armadura. Envolto no gibão de couro curtido, de bode ou de vaqueta; apertado no collete também de couro; calçando as pernas, de couro curtido ainda, muito justas, cosidas às pernas e subindo até as virilhas, articuladas em joelheiras de sola; e resguardados os pés e as mãos pelas luvas e guarda-pés de pelle de veado — é como a fôrma grosseira de campeão medieval desgarrado em nosso tempo. »

« Esta armadura, porém, de um vermelho pardo, como se fôsse de bronze flexível, não tem scintillações, não rebrilha, ferida pelo sol. É fosca e poenta. Envolve ao combatente de uma batalha sem victorias... »

Interessante é comparar-se êsse tipo nordestino com seu irmão do sul — o gaúcho, dominador da campanha.

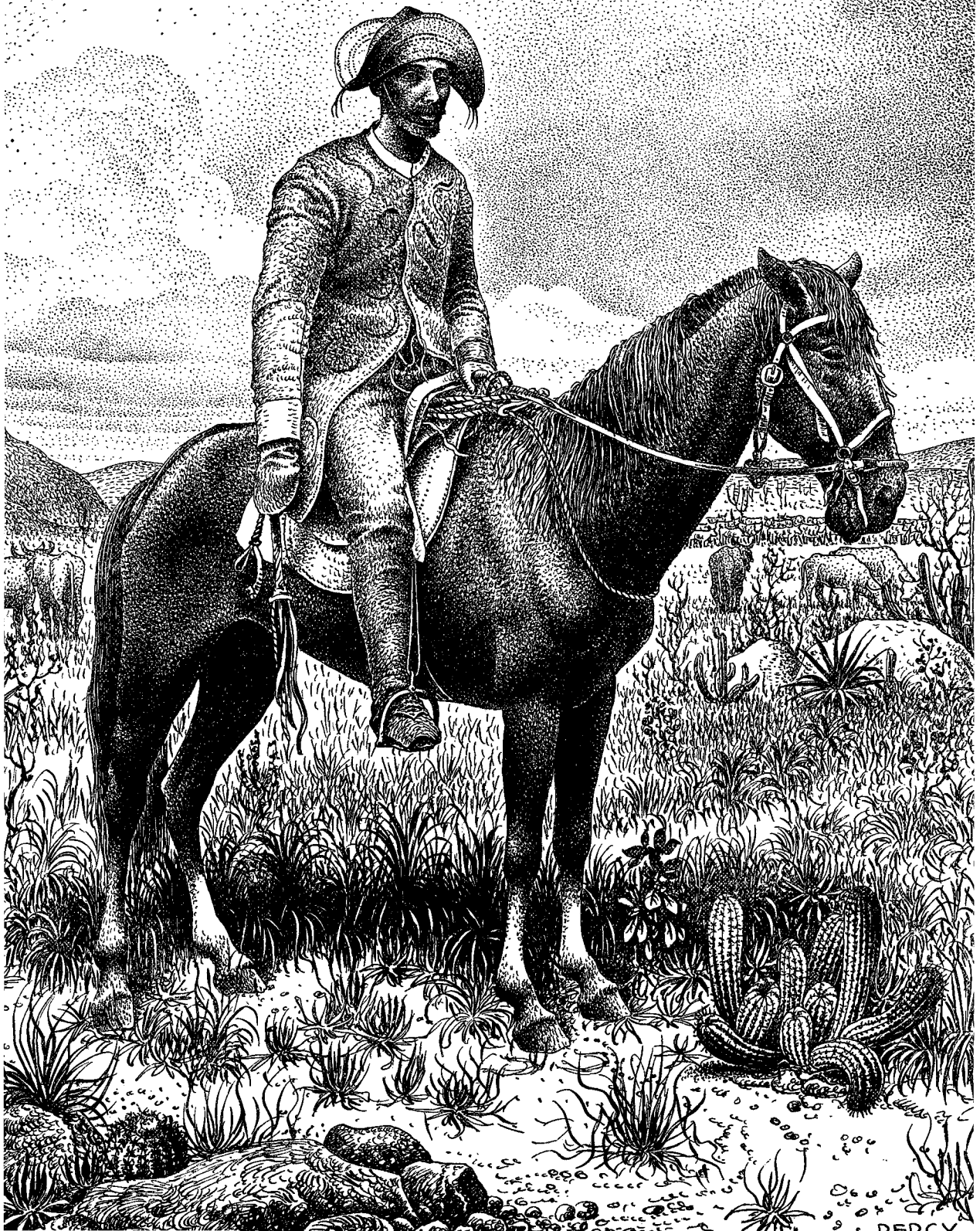
Êsses dois tipos são diferentes, que se agitam em duas paisagens tão desiguais, ambos teem no cavalo um colaborador precioso, valendo; no entanto, mais o pingo para o gaúcho que o enfeita, e trata, e acaricia, e não dispensa, do que o quartau magro, resignado e encourado, para o vaqueiro sertanejo. O gaúcho é combativo, impulsivo, exuberante; o seu irmão nordestino não é combativo, mas combatente; não é impulsivo, e sim calculista; não tem a palavra e o gesto largos; é lacônico e retraído.

Só se assemelham quanto ao gênero de vida, aos sentimentos de liberdade e de honra, quanto à proibidade: o rodeio sulino, a disparada do gado pelas planícies sul-riograndenses, teem uma correspondência com a vaquejada, a pegada do boi, o estouro da boiada nordestinos.

No sul, o rodeio é a festa preferida onde se exibem e realçam os cavaleiros mais destros demandando o potro bravo; no nordeste, a pegada do boi reúne os vaqueiros numa porfia doída de segurar o animal arreado.

A vaquejada é a reunião no rodeador — lugar escolhido para o ajuntamento — da gadaria das fazendas circunvizinhas, para a marcação e apartamento do gado. Terminada a faina, cheia de peripécias, lá se vão as boiadas a caminho das fazendas, acalentadas pelo canto monótono, saudoso, triste e distante: o aboiado.

As lides da vaquejada, da pegada do boi; a arrancada, arribada ou estouro da boiada; os raros folguedos, onde estalando as alpercatas dança o vaqueiro o sapateado; os desafios de viola, onde dão largas ao seu gênio de poeta repentista — são os únicos instantes de movimento, de vibração, de vida, na existência paupérrima e monótona dêste heróico e honesto tipo sertanejo.



AGRESTE

É na região fitogeográfica brasileira, por Martius denominada Hamadryas, de forma oblonga, tendo sua maior dimensão no sentido N. E. — S. O. e situada mais ou menos entre 3° e 13° de latitude sul e 35° e 48° de longitude W. Gr., que se encontram esses tufos vegetativos, verdadeiros parques ajardinados, conhecidos pelo sugestivo nome de Agrestes.

Num solo pedregoso, duro ou areento, onde condições higrométricas escasseiam, consegue a vegetação pródigo expandir-se, após uma floração na qual predomina o amarelo, com "frutos providos de asas ou envolvidos em espessas polpas farináceas facilitando a germinação" (Ph. von Luetzelburg).

Sem preocupações heliotrópicas desenvolvem-se os Agrestes em árvores altas e isoladas, de troncos erectos, bem formados e intercalados de arbustos. A folhagem de toda a vegetação desse belo parque, tanto arbórea, quanto arbustiva, é em geral coriácea e organizada de modo a resistir à perda excessiva da água pela evaporação, caducando, contudo, na estação estival. Solo atapetado de relva e embelezado de longe em longe por palmeiras de pequeno porte, nele se transita facilmente, livre como é dos arbustos xerófilos e das cactáceas hostis, que tanto enfeiam e emaranham os ressequidos matos caatingais.

Difere das demais vegetações nordestinas pelo seu hábito e pelo seu "habitat". É uma flora intermediária entre a Mata e o Sertão. Árvores que crescem cerca de dez metros, só lhe ultrapassando em altura os espécimes das Matas verdadeiras. Vegetação de caráter sub-xerófilo, contenta-se com um ambiente semi-árido, de escassas condições higrométricas.

Acham-se os Agrestes disseminados por todo o Nordeste e encontram-se de preferência junto à Mata da encosta atlântica constituindo uma transição florística entre esta zona e a do Sertão ou, qual franja, orlando as matas serranas e alguns rios do interior.

A maior extensão aglomerada destes parques pertence ao Piauí. E' o norte deste Estado todo ocupado por esse tipo de mato, invadido na parte ocidental de seu território pela vasta "zona dos cocais", onde predomina o babaçú (*Orbygnia speciosa*, Mart.). Zona que, começando rente à faixa litorânea do Maranhão, toma-lhe 1/3 mais ou menos de suas terras. Comprova-se, assim, mais uma vez, que não se pode dar limites precisos às zonas fitogeográficas, porque estas sempre se interpenetram.

Entre as várias famílias da flora típica do Agreste encontram-se as Combretáceas, as Mirtáceas e as Leguminosas das quais a *Hymenaea courbaril* Lin. conhecida vulgarmente por jatobá e a *sucupira* (*Bowdichia virgilioides* H B K), são as mais belas e mais representativas espécies arbóreas desses lindos parques, realçados ainda pelas bocaiueiras (*Acrocómia spec.*), carnaúba (*Copernícia cerifera*), guaviroba (*Cocos com-mosa* Mart.) e algumas outras espécies das magníficas Palmáceas.

Seu tapete de relva e seus arbustos são compostos, em grande parte, de espécies herbáceas e arbustivas existentes também nos "cerrados" de Mato Grosso. Embora o solo do Agreste não seja muito próprio para a agricultura, pode, no entanto, ser utilizado, com vantagem, para a pecuária, visto ser rico de Gramíneas e de Leguminosas cujos valores nutritivos em suas espécies forrageiras se compensam mutuamente.

A ignorância e a imprevidência humana empenhadas há quatrocentos anos em devastar e incendiar a vegetação nativa, tem reduzido a área ocupada pelos Agrestes. Mais algumas queimadas e, segundo a opinião valiosa de Von Luetzelburg, teremos esses parques semi-áridos de todo transformados em vegetação xerófila.

Dada a situação precária no que se refere à água e às demais influências edáficas do terreno eluvial que lhe é próprio, torna-se difícil, porém não impossível, reflorestar o Agreste. E é do que se está cogitando presentemente, visto não mais o empirismo presidir aos empreendimentos humanos. Modificam-se, num entusiasmo novo, por meio da agudagem, da drenagem, dos postos agrícolas e do reflorestamento, os solos pedregosos e areentos do Agreste e do Sertão, não tanto para que influam em seu regime pluviométrico, mas para que sejam ao menos aproveitados os milhões de metros cúbicos de água que nos tempos chuvosos lá tombam perdulariamente.

